

ANEXO ÚNICO

Você está na...

PLÍNIO SCALDINI • APOSENTADO

Barra

Na Barrinha, uma figura bem popular

Leandra Lima
leandra.lima.persaisale@registro.com.br

Bem alinhado e esbanjando disposição, Plínio Scaldini, de 75 anos, levanta cedo todas as manhãs e faz uma ronda pelas ruas da Barrinha. Não há nada na região que passe despercebido por ele, seja o meio-fio quebrado ou a iluminação prejudicada por falta de poda. Depois de 20 anos nessa levada, o saldo é: uma praça sob sua administração, influência entre políticos da Barra e muita, mas muita população. O GLOBO Barra o acompanhou numa de suas rondas, na semana passada.

• **O GLOBO:** O senhor veio para a Barrinha, no final dos anos 80, depois de ter passado 43 anos de sua vida na Tijuca. Por que quis se mudar para cá?
Scaldini: Eu vim porque queria um lugar calmo e seguro, diferente do que havia se tornado a Tijuca. No início, foi terrível porque não tinha quase ninguém morando aqui. Com o tempo, fui me aproximando da pequena vizinhança.

• **Qual é a diferença entre a atuação dos moradores da Tijuca e a dos moradores da Barrinha?**
Scaldini: Aqui não tem nenhuma associação com pulso forte para defender os interesses da Barrinha. É diferente da Tijuca. Nas associações de lá, tem coronel que já chega dando soco na mesa. As pessoas participam. Está certo que aqui há bem menos problemas, mas isso não significa que eles não existam. E foi por isso que tomei a frente.

• **Como foi seu primeiro contato com as autoridades públicas que atuavam na Barra?**
Scaldini: Em 1998, fui participar de uma reunião que o Eduardo Paes tinha marcado com os moradores. Na época, ele tinha acabado de ser eleito deputado federal. Cheguei me apresentando, dizendo que, apesar de estar há pouco tempo na Barrinha, já tinha percebido vários problemas da região. E comecei a falar: "tem uma rua tal que precisa de jardim; tem um campo onde caminhões jogam entulho de forma irregular...". O campo, no caso, é onde fica a praça que administro hoje. A partir da

quele dia, criei um vínculo, uma porta de entrada com o poder municipal.

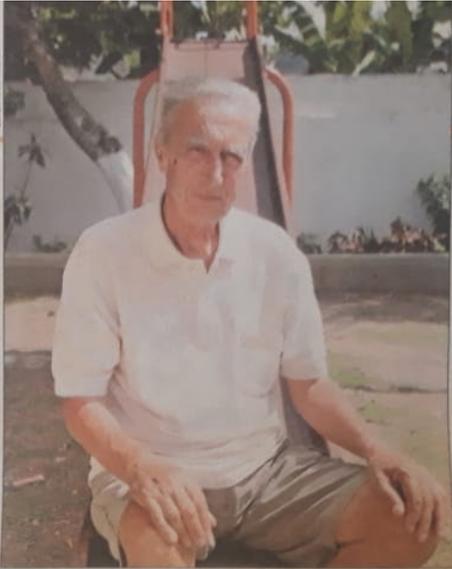
• **Por que o senhor resolveu adotar a praça da Rua Professor Mitsuaki?**
Scaldini: Porque eu passava por aqui e ficava triste de ver uma praça tão mal cuidada em um pedaço tão bom da Barra da Tijuca. Havia mais ou menos 30 mendigos que, além de dormirem na praça e deixarem o local sujo, tomavam banho nas águas. O campo de futebol vivia com entulho. Foi difícil deixá-la bonita, mas consegui, com persistência e o apoio de alguns moradores. Um pouco de influência política também.

• **Com que tipo de apoio o senhor conta para manter a praça bem conservada?**
Scaldini: A Escola Sultco-Brasileira mantém o campo

de futebol e a iluminação. A Escola Pedra da Gávea ajuda a conservar parte do parquinho. E há alguns políticos que, quando eu reclamo muito, intervêm em prol do bairro.

• **O que ainda precisa ser melhorado na Barrinha?**
Scaldini: Olha, a Barrinha é maravilhosa. Digo sempre que isso daqui não existe. Mesmo assim, há coisas que precisam ser melhoradas. E a gente tem que ficar no pé da prefeitura para conseguir alguma atenção. Este meio-fio mesmo está assim desde

uma batida de carro que aconteceu há dois anos (e aponta para um meio-fio quebrado na Avenida Fleming). Eu já falei que a Secretaria de Obras tem que fazer o desassoreamento do rio de forma manual. Eles trazem aquelas máquinas grandes e quebram tudo. A grade da calçada da Estrada do João foi implantada, há dois anos, depois de um pedido meu. Posso dizer que quase todas as obras que aconteceram aqui nos últimos 12 anos ajudei a conseguir. Quero deixar um legado para o meu bairro, que me acolheu tão bem.



“Quero deixar um legado para o meu bairro, que me acolheu tão bem”

PLÍNIO SCALDINI: luta pela conservação da Barrinha